

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Chris Marker – A Memória das Imagens
10 de Dezembro de 2024

LE 20 HEURES DANS LES CAMPS / 1993

Realização, Imagem, Montagem: Chris Marker, com a equipa de vídeo do Camp Roska / Participação: Théo Robichet / Canção: *Everybody Knows*, de Leonard Cohen / Produção: Les Films de l'Astrophore (França, 1993) / Cópia: ficheiro (suporte original em vídeo Hi 8), cor, legendada electronicamente em português / Parte da instalação "Zapping Zone" / Duração: 27 minutos / Primeira apresentação pública: 8 de Setembro de 1994, Festival de Veneza / Parte da instalação "Zapping Zone", apresentada pela primeira vez em 1990 no Centre Georges Pompidou por ocasião da exposição "Passages de L'Image." / Primeira apresentação na Cinemateca.

CASQUE BLEU / 1995

Realização, Imagem, Montagem: Chris Marker / Testemunho: François Crémieux, recolhido por Chris Marker / Produção: Point du jour (França, 1995) / Cópia: ficheiro (suporte original em vídeo Beta SP), cor, legendada electronicamente em português / Duração: 27 minutos / Primeira apresentação pública: difusão no Canal Arte, 2 de Outubro de 1995, e apresentado no Centre Georges Pompidou em 1996, na exposição "Face à l'Histoire" / Também conhecido como "Confession d'un casque bleu: témoignage" ou "Témoignage d'un casque bleu" / Primeira apresentação na Cinemateca.

UN MAIRE AU KOSOVO / 1999

Realização: Chris Marker, François Crémieux / Com: Bajram Rexhepi / Entrevista: Chris Marker, François Crémieux / Imagem, Montagem: Chris Marker / Produção: KG Productions (França, 1999) / Cópia: ficheiro (suporte original em vídeo), cor, legendada electronicamente em português / Duração: 27 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

filmes de Chris Marker

Duração total da projecção: 81 minutos / legendados electronicamente em português

Uma sessão composta por três curtas-metragens de Chris Marker, conhecidas no seu conjunto como a trilogia dos Balcãs, que versam sobre um conflito que nos anos noventa fustigou o centro da Europa, e três importantes documentos sobre o falhanço da comunidade internacional face a tal guerra. Em **Le 20 Heures dans les Camps** o cineasta acompanha um conjunto de jovens refugiados bósnios, no campo de Roska em Ljubljana, na Eslovénia, que todos os dias apresentam um jornal televisivo. Sem qualquer possibilidade de o difundir, gravam-no numa cassete e mostram-no dentro do campo. Como vemos neste pequeno filme que acompanha tal trabalho nas suas várias fases, trata-se de um verdadeiro telejornal, com

apresentadores, reportagens várias, actualidades do mundo fora, que tais jovens recolhem via satélite e depois remontam. Fechados no interior do campo, esta é uma televisão de refugiados para refugiados e uma forma destes jovens originários da Bósnia-Herzegovina acompanharem o exterior e sobre ele reflectirem, ao mesmo tempo que reflectem sobre a sua situação e o trabalho dos media.

Esta foi uma questão que sempre interessou Chris Marker, e se **Le 20 Heures dans les Camps** não tem a densidade de outros dos seus trabalhos em termos de formais, é extremamente eficaz no modo como aborda esta questão e aponta para a necessidade de comunicação e para uma crença na imagem enquanto meio para lutar contra o esquecimento. À semelhança de Chris Marker, Jean-Luc Godard, que desde cedo trabalhou sobre a questão da comunicação – veja-se por exemplo a série **Six fois deux / Sur et sous la communication**, que co-realizou com Anne-Marie Miéville para a televisão em 1976 –, em meados da década de noventa também abordou a guerra na ex-Jugoslávia, como no pequeno filme **Je Vous Salue Sarajevo**, vídeo com escassos minutos que analisa uma imagem, ao mesmo tempo que aponta para o atraso das imagens em geral e do cinema face à História. Realizado originalmente para a instalação “**Zapping Zone**” que, como já referimos noutras destas “folhas”, teve lugar no Centre Pompidou, **20 Heures dans les Camps** evoca uma experiência que Marker já classificou como “única e frágil”. Trata-se do “nosso único espelho”, refere um dos jovens “jornalistas”, espelho que corresponderá a um projecto utópico de dar a voz àqueles que não a têm, como encontramos também na série “**On Vous Parle**”, magazine televisivo de contracultura em que Marker colaborou nos anos sessenta.

Casque Bleu foi filmado dois anos depois, em 1995, em França, consistindo numa entrevista a um ex-capacete azul da ONU, François Crémieux, que conta a Marker a sua experiência de soldado da paz nessa guerra que durou dez anos (1991-2001). Um testemunho fortíssimo que reporta aos seis meses em que o francês esteve na Bósnia, no enclave de Bihac, considerado pela ONU como uma zona de segurança. Trata-se de um filme que dá espaço à palavra e que radica num longo monólogo que revela alguns dos aspectos mais violentos de uma guerra longa, a desilusão com o fracasso da política internacional e a controversa postura dos militares, que minava com frequência o propósito de protecção das populações. Em **Un Maire au Kosovo** Marker centra-se no testemunho de Bajram Rexhepi, presidente da Câmara de Mitrovitsa. Cirurgião de profissão, foi como tal que participou na guerra no UCK – Exército de Libertação do Kosovo. Crémieux, o protagonista de **Casque Bleu**, acompanhou Marker na realização deste filme, pois Bajram responde às questões que ambos lhe colocam sobre como entrou na guerra e quais as dificuldades que sentiu para tratar os muitos feridos com que se deparou enquanto médico.

Uma sessão que ilustra bem como Marker colocou o cinema ao serviço da História, interrogando os acontecimentos que dominaram o presente, ao mesmo tempo que criticou a sua mediação. Como escreveu Arnaud Lambert: “A utilização massiva de testemunhos é um elemento característico da cinematografia markeriana dos últimos vinte anos (...) Dirige-se a nós a testemunha que descreve e partilha a sua experiência. É isto que torna a sua presença intimidante – avassaladora: um rosto ou olhar que testemunha, mas também questiona. A testemunha pressupõe sempre um público – o

espectador, mas também o historiador, o instrutor, o juiz. Público que informa e ao mesmo tempo perturba, que desafia; o testemunho é um discurso transitivo (a testemunha leva a testemunhar). Na verdade, o testemunho atravessa o ecrã (o filme, o autor) e espalha-se como um grito. O discurso filmado, a filmagem do depoimento seriam, assim, para Marker, um meio de se apagar, de abdicar da postura pendente pela qual tantas vezes tem sido criticado, e de não ser mais, através dessa retirada, do que um mediador ou um “passeur” (stalker) de experiências, de histórias, da História.” (*Also Known as Chris Marker*, Paris: Le Point du Jour, 2008, p. 155). Preservando o desenrolar dos testemunhos na sua duração, estes são filmes que apontam para a força da palavra quando é deixada em liberdade, ao contrário da violência a que é frequentemente sujeita, quando recolhida a quente, esquartejada e confiscada pelas instâncias de poder.

Joana Ascensão